

Pais que cuidam dos filhos: a vivência masculina na paternidade participativa

Christina Sutter

Júlia S. N. F. Bucher-Maluschke

Universidade de Fortaleza – UNIFOR

RESUMO

O presente artigo é o relato de uma pesquisa com pais cuidadores – homens que vivenciam a participação constante no cotidiano dos filhos – no intuito de captar o sentido dado à paternidade e à masculinidade. Com vistas a apreender o sentido atribuído pelos sujeitos da pesquisa à vivência da paternidade, foi utilizada a técnica do Grupo Focal, analisando-se os dados colhidos a partir das práticas discursivas, à luz do construcionismo social. Como resultado, percebe-se que os pais cuidadores vivenciam a paternidade com especial intensidade emotiva, e demonstram uma disposição contrária ao estereótipo masculino, que pressupõe, sobretudo, o autocontrole das emoções. Conforme se constata, a paternidade participativa implica a reativação dos sentimentos de dependência oral do desenvolvimento humano, os quais se expressam pela capacidade de cuidar e de se envolver numa relação de intimidade, comumente negados na experiência masculina.

Palavras-chave: Paternidade participativa; subjetividade masculina; grupo focal; práticas discursivas.

ABSTRACT

Father who care for their children: the male experience of participatory fatherhood

The presente work is a study of male subjectivity in participatory fatherhood, attempting to capture the meaning given to paternity and maleness by men who experience daily care of their children. In order for us to apprehend the meaning given by the subjects of this research, regarding their paternity experience, we used the Focal Group technique, analyzing the data from the perspective of discursive practices, in light of the social-constructionism. As a result, one notices that care-giving fathers do through paternity with a very particular emotional intensity, sentiments that reveal an opposite tendency to the male stereotype which presupposes, mainly, the self control of emotions. One arrives at the conclusion that participatory paternity implies the reactivations of sentiments of oral dependence of human development, which express themselves by means of capacity of caring and becoming involved, in a relation of intimacy, that are usually denied in the male experience.

Keywords: Participatory fatherhood; male subjectivity; focal group; discursive practices.

INTRODUÇÃO

Diante das discussões acerca das mudanças que afetam a paternidade e a masculinidade nas últimas décadas, abordaremos neste artigo o resultado de uma pesquisa realizada sobre o sentido dado à paternidade e à masculinidade, a partir da avaliação das experiências de homens que vivenciam uma relação mais próxima e participativa na criação dos filhos.

Segundo observamos na maioria das famílias com quem temos contato, na prática clínica em Fortaleza, o pai oscila entre tentar preservar o lugar tradicional de chefe e provedor da família, tendo pouco tempo para os filhos, e dar a eles mais assistência, ainda que de

forma descontínua. Nos dois modelos, a mãe se apresenta como a principal cuidadora, ainda que trabalhe em casa. No entanto, verificamos a existência de alguns homens que interessados em participar do cotidiano e do crescimento dos filhos se envolvem ativamente no cuidado destes, e consideram esta tarefa tão importante quanto a profissional. São esses pais que atraem nossa atenção e que se enquadram no que reputamos ser um modelo de paternidade participativa. Buscamos investigar esses pais quanto ao modo como vivenciam, na condição de homens, esse cuidar, verificando o quanto este exercício de paternidade rompe ou não com os modelos tradicionais de masculinidade.

Chamamos, portanto, de paternidade participativa aquela que subentende o cuidado e o envolvimento constante no cotidiano dos filhos – nos domínios da alimentação, higiene, lazer e educação. Como tais cuidados com os filhos podem variar muito de homem para homem, conforme o grau de disponibilidade pessoal e de tempo, escolhemos utilizar como critério, para a definição dos pais sujeitos da pesquisa, a própria autopercepção desses homens como pais cuidadores.

Na literatura encontramos o termo “pai nutridor” como sendo aquele que mantém uma relação próxima e empática com os filhos e compartilha igualmente com a mãe a função de cuidar das crianças e atendê-las, tanto física quanto emocionalmente (Jablonski, 1997; Muzio, 1997), além de ser capaz de mostrar-se na sua fragilidade humana e manter o equilíbrio entre o público e o privado (Barsted, 1997). O pai nutridor é, dessa forma, o oposto do pai tradicional, o qual é definido como aquele que assume a responsabilidade de dar permissões, controlar a família via críticas e recomendações à mãe, prover alimentos, impor castigos, disciplinar e, ocasionalmente, brincar e compartilhar de passeios familiares (Muzio, 1997).

REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Segundo Flaquer (1999), a perda da legitimidade do patriarcado é uma das mudanças mais importantes que caracterizaram o fim do século XX, tendo como um de seus sinalizadores o aumento de famílias monoparentais chefiadas por mulheres e o ofuscamento da figura do pai na constelação familiar. O patriarcado, concebido por Kate Millet (1970) como uma política sexual presente nos atos mais privados e pessoais, ancora-se não só na dominação coletiva de homens sobre as mulheres, mas na separação entre mundo masculino e feminino, em decorrência do afastamento do mundo materno considerado inferior em relação ao paterno (Puleo, 1995). Neste sentido, o lar e a maternidade, pressupondo as tarefas domésticas e o cuidado infantil, não são esferas masculinas (Luz, 1982) e, portanto, campos possíveis para o exercício da paternidade. Entretanto, apesar da constatação de Flaquer, que pressupõe uma mudança no cenário doméstico, na direção do que ele mesmo chama de família pós-patriarcal, mais igualitária quanto à divisão sexual do trabalho, a grande maioria das famílias ainda se organiza sob as bases tradicionais da especialização e da complementaridade das funções. Com efeito, a maioria dos homens, conforme constata o relatório Hite sobre a família (1995), não participa dos serviços domésticos. Em consonância com esse fato, como muitas pesquisas indicam, a imagem do pai continua

essencialmente associada às funções tradicionais, sobretudo à de provedor (Carvalho, 1990; Comel, 1998; Maciel, 1994; Palma e Quilodrán, 1997), percebida como modo de afirmação da masculinidade, em que o homem é aquele que garante o sustento de sua família (Villa, 1997). Tais imagens são até mesmo veiculadas pela mídia, como aponta Medrado (1998) ao analisar os comerciais de televisão –, de modo que o cenário social e familiar é muito mais o de um período de transição do que propriamente o de uma revolução definitiva das mentalidades e dos costumes.

Quanto às pesquisas relacionadas com o tema da paternidade, estas também apontam, preferencialmente, para a conservação do lugar tradicional do pai, embora pequenas mudanças já possam ser observadas. No concernente aos afetos, como constata Maciel (1994), os homens, de modo geral, não se vêem com parte do processo de gestação, o que é corroborado por Schneider, Trindade, Mello e Barreto (1997) ao verificarem que os homens não conseguem se envolver emocionalmente com a experiência da gravidez. Entretanto, mais tardiamente na experiência da paternidade, relatam maior envolvimento afetivo e diálogo do que o modelo recebido pelos sujeitos de seus próprios pais (Boris, 2000; Ramires, 1997), o que já sugere um posicionamento distinto em relação aos filhos.

Contudo, embora mais próximos destes, no que diz respeito às tarefas cotidianas, os pais ainda não assumem os cuidados com as crianças (Carvalho, 1990; Singly, 1996; Trindade, Andrade e Souza, 1997) e resistem a participar e a se responsabilizar pelas atividades domésticas e pelo cuidado dos filhos (Boris, 2000). De acordo com esta perspectiva, Hurstel e Parseval (2000b) constatam que, na maior parte das famílias, as tarefas parentais qualificadas (jogo, aprendizagem, desenvolvimento) cabem ao pai, enquanto as não qualificadas (alimentação, lavagem de roupa) permanecem com a mãe.

Quanto ao significado atribuído à paternidade na vida dos homens, consoante Comel (1998) conclui, esta ainda não é encarada como um valor vital de realização pessoal, sendo vivenciada como uma experiência que ocorre paralela à vida. Gomes (1998), por sua vez, assinala que apesar das mudanças na divisão clássica dos espaços segundo o gênero, os homens continuam predominantemente no espaço público e não necessitam, portanto, problematizar a paternidade como situação contraditória com a sua individualidade. Longe disso, a paternidade ancorada na identidade masculina, para muitos homens, continua associada ora à responsabilidade de mantenedor da família, ora à prova pública de macho reprodutor, como afirmação de potência e virilidade (Caruso, 1986; Maciel, 1994). Ou seja, apesar de a família moderna, conforme Singly

afirma (1996), se caracterizar pela desvalorização dos papéis – sobretudo o da autoridade – os papéis tradicionais ainda se mantêm como balizadores das relações familiares.

Em face destas constatações empíricas há de se perguntar: o que está sendo chamado, então, de “nova paternidade”? Entre os autores que descrevem este fenômeno, não existe um consenso sobre o que deve ser considerado signo de emergência do novo pai. Sob a perspectiva de Ménard (2000), na verdade o que é novo não são os sentimentos, mas o modo como estes são manifestados, com o pai fisicamente íntimo, buscando contato corporal com o filho. Com efeito, o pai embalando o bebê tem sido uma imagem bastante explorada pela publicidade, o próprio símbolo de uma paternidade contemporânea que aponta uma grande novidade: a de que os homens são capazes de se interessar pelo recém nascido.

Neste sentido, como concorda Castelain-Meunier (1993), o fenômeno realmente novo é o pai que toma conta do bebê, capaz de se envolver nos cuidados com os filhos pequenos. Pleck (1989) considera, inclusive, o “novo pai” uma imagem oposta à do pai “ganha-pão”, porquanto ele está presente desde o nascimento, disponibilizando tempo e dedicação não apenas para o trabalho. Ramires (1997) vai mais longe ao afirmar que o novo pai é aquele que além de expressar a necessidade e o desejo de participar na criação de seus filhos prioriza a paternidade em relação a outras áreas da vida, conforme os resultados de sua pesquisa sobre o exercício da paternidade nos dias atuais.

No referente à realidade local, segundo Boris (2000) afirma, em pesquisa sobre o ser homem em Fortaleza, a maior proximidade afetiva dos homens para com os filhos, a despeito do pouco envolvimento dos pais nos cuidados cotidianos com estes, representa efetivamente um signo de mudança sociocultural, embora ainda muito sutil, como uma semente da nova paternidade ainda por florescer.

Contudo, para Hurstel e Parseval (2000a, 2000b), a “paternagem” seria apenas um dos signos das profundas transformações que atingem famílias, funções parentais, casamento, status jurídico e social dos pais, já que as verdadeiras novidades para a paternidade se encontram nas inseminações artificiais, nas doações de esperma e nas famílias multiparentais.

Quanto às mudanças que afetam a condição masculina, a partir dos estudos de gênero como o sexo socialmente construído – com conotações psicológicas e socioculturais que não são universais (Barbieri, 1991) –, a “crise da identidade masculina” tem sido um tema discutido por alguns autores, como problematização da representação social masculina em torno da crença na existência do *homem de verdade*, base para a sociali-

zação do menino (Nolasco, 2001). Nesta discussão, vários fatores têm sido apontados: as mudanças tecnológicas nas quais o antigo modelo de homem identificado com a força física não faz mais sentido (Nolasco, 1995); a própria crise da modernidade que tradicionalmente traça a identificação entre o masculino, a razão e a objetividade (Donzelli, 1997); o fracasso do projeto de poder-dominância, como paradigma dominante da cultura, identificado com o antropocentrismo e com o patriarcalismo (Boff, 1997); e, sob outra perspectiva, a erosão do modelo de masculinidade moderna sustentado sobre as noções de ordem, força de vontade, autocontrole, honra e coragem (Mosse, 1996).

Entre os próprios homens, os estudos também indicam a busca por uma *outra masculinidade* – cansados das mutilações emocionais sofridas (Cuschnir e Mardegan, 2001; Hite, 1995), das vivências constrangedoras e agressivas no cotidiano destes (Boris, 2000), e do status de dominadores perante, sobretudo, as mulheres (Sloan e Jirón, 2000). Ademais, no respeitante ao tema da paternidade, são os homens adultos de hoje que se ressentem da falta, na infância, de um pai mais próximo e caloroso (Corneau, 1993; Kindlon e Thompson, 2000; Osherson, 1998), o que pressupõe a necessidade de uma outra referência paterna calcada num modelo mais afetivo de masculinidade.

Entretanto, ao mesmo tempo em que o modelo tradicional de masculinidade parece se enfraquecer, o culto à hipermasculinidade permanece (Klein, 1993) – em que os traços masculinos, psicológicos ou físicos são levados ao exagero –, e se acentua o repúdio ao “macho frouxo” carente da energia criativa da masculinidade selvagem (Bly, 1991). Por outro lado, a crise da masculinidade é uma concepção questionada e não identificada na experiência de muitos homens que não problematizam a condição masculina na sua experiência de vida (Boris, 2000).

No concernente à paternidade participativa, dentro destes múltiplos cenários, qual masculinidade lhe é subjacente? Conforme advertem Castelain-Meunier (1993) e Segalen (1999), se a paternidade contemporânea caminha numa direção de mimetismo em relação à mãe, pode o homem preservar alguma especificidade?

A PESQUISA

Considerando, portanto, as questões ora apontadas, nossa pesquisa partiu da seguinte pergunta: Qual o sentido dado à paternidade e à masculinidade por homens que vivenciam o cuidado cotidiano com os filhos?

Para responder a essa pergunta, nos apoiamos na metodologia qualitativa, adequada ao estudo da subjetividade, na medida em que o foco não é a generalização de dados, mas a complexidade da experiência de cada sujeito na sua singularidade (Rey, 1999).

A técnica utilizada para a coleta de dados foi a do Grupo Focal, uma técnica de entrevista coletiva destinada a investigar como as pessoas pensam e agem em relação a determinado tema (Roso, 1997). O objetivo do Grupo Focal é o uso explícito da interação grupal para produzir dados e *insights*, em que se busca a troca de experiências e o contraste de perspectivas (Carlini-Cotrim, 1996). A situação de entrevista grupal facilita a expressão de sentimentos e convicções entre sujeitos que, no caso, compartilham a vivência da paternidade e o fato de serem homens.

Os sujeitos da investigação foram homens pertencentes às camadas médias sociais que vêm vivenciando a paternidade de uma forma participativa. Quanto à seleção dos sujeitos, se deu a partir da identificação de homens que cuidavam dos filhos, expandindo-o por meio da técnica da bola de neve na qual os próprios sujeitos foram indicando outros que consideravam pais cuidadores. Escolhemos como critério decisivo para a definição dos sujeitos da pesquisa a própria autopercepção desses homens como pais cuidadores. Outro critério importante foi o fato de serem casados, pois a presença simultânea da mãe é fator significativo para avaliar a participação dos pais. Também foram selecionados pais que estivessem vivenciando a etapa do ciclo vital familiar com filhos pequenos, etapa que mais solicita a atenção dos adultos e requer participação mais efetiva no cuidado diário.

O grupo focal foi constituído de seis homens casados entre a idade de 21 e 34 anos, cujos filhos tinham de 18 meses a 8 anos de idade. Entre os pais havia um consultor de vendas, um auxiliar de escritório, dois psicólogos, um arquiteto e um artesão. Os dois últimos trabalham em casa.

Conforme Roso (1997), o fluxo do debate pode ser estruturado ou não. Optamos pelo modelo estruturado, e partimos de questões mais gerais para mais específicas, em torno dos dois temas principais da pesquisa, paternidade e masculinidade, embora nem todas as questões necessitassem ser formuladas, pois surgiam espontaneamente durante a discussão. Os temas abordados durante a entrevista giraram em torno da vi-

viência da masculinidade e da paternidade, do cotidiano com os filhos, da distribuição de papéis e tarefas entre o casal, da percepção que eles têm das mulheres, da percepção que suas companheiras têm deles como pais e do relacionamento deles com seus próprios pais.

Como referencial metodológico para a análise das entrevistas, utilizamos a análise das práticas discursivas, dentro da perspectiva do construcionismo social, segundo a qual o sentido é construído interativamente, nas relações sociais cotidianas, quando duas ou mais vozes se confrontam (Spink e Frezza, 1999; Spink e Medrado, 1999; Spink e Menegon, 1999).

Categorias de análise

No discurso dos sujeitos foram se entrelaçando diversas categorias, algumas sugeridas pelas perguntas das moderadoras, outras geradas espontaneamente, tais como a percepção da mulher e o lugar da paternidade dentro da conjugalidade. Os dados obtidos foram subdivididos em categorias referentes às dimensões intrapessoal (ser homem, papel de homem, atributos masculinos, percepção da mulher, vivência da paternidade, qualidades necessárias para a paternidade) e interpessoal (inversão de papéis, distribuição de papéis, divisão de tarefas, paternidade e relacionamento conjugal, relacionamento com o próprio pai, cotidiano com os filhos, percepção das companheiras em relação a eles). A noção de papel aqui adotada compreende que qualquer organização envolve um conjunto de papéis mais ou menos diferenciados, que definem obrigações e coerções relativas a zonas de autonomia condicionadas (Goffman, 1974).

Quanto às associações (ver fragmento do quadro de resultados), estas foram distribuídas entre as de teor emocional – quando se trata de sentimentos e emoções evocados – e as de teor cognitivo – quanto se trata de explicações ou racionalizações, procedimento meramente organizador já que, na construção dos sentidos, ambas são inseparáveis. As leituras vertical e horizontal das associações permitem a apreensão dos sentidos construídos interativamente, na qual várias vozes se confrontam, não apenas a dos participantes, mas a de outras pessoas significativas. Da mesma forma, tornam-se visíveis tanto as ressignificações e rupturas para com o discurso institucionalizado (Spink e Menegon, 1999) quanto as reproduções de tais discursos.

TABELA 1
Resultados

Continua

Categorias	Associações de teor emocional	Associações de teor cognitivo
Inversão de papéis	<p>Achava massa ficar em casa cuidando do neném 3</p> <p>Foi terrível porque eu virei doméstico mesmo 1</p> <p>Que diabo eu sou? Eu sou homem! 1</p>	<p>Ser doméstica direto, sem ser reconhecido! 1</p>
Distribuição de papéis	<p>A mãe é boazinha, mas o pai faz! 1</p> <p>A gente quer se igualar, mas eu sinto a necessidade do filho da mãe tremenda 2</p> <p>Tenho que tomar conta da grana toda 2</p> <p>É como se fossem dois pais 6</p> <p>Eu não consigo pensar que a mãe é a tal e nós somos apenas coadjuvantes 6</p> <p>Mãe tem um sentimento e pai tem outro sentimento 1</p>	<p>Ela organiza a coisa da família 2</p> <p>O meu papel de pai é lá fora 2</p> <p>Pela ótica da divisão dos papéis a mãe é a babá 6</p> <p>Existe uma contribuição específica dentro do casal 6</p> <p>Seguro a onda quando ela vai sair 2</p> <p>Quando o que um faz não é tão importante quanto o que o outro faz, a relação adocece 4</p>
Percepção da mulher	<p>A gente pensa que come, quem come é elas! 1</p>	<p>É a rainha do jogo 3</p> <p>A vida é feminina 3</p>
Divisão de Tarefas	<p>A gente pensa que domina, e ela não! Ela domina mesmo! 3</p> <p>Se a gente fica muito bonzinho, já vira barriga-branca 1</p> <p>Não pode ser assim: "Lava a louça!" e lá vou lavar 1</p> <p>É um exercício diário 1</p> <p>A forma de ser feliz é ser barriga-branca 3</p> <p>Não há cobranças 3</p> <p>Procuro ser um coadjuvante à altura 3</p> <p>Não fico só sentado de braços cruzados 3</p> <p>O maior problema da divisão foi quando o filho era bebê 1</p> <p>É chato serviço doméstico! 1</p>	<p>Verdadeira política 1</p> <p>Admitir que é elas quem mandam 3</p> <p>A gente não tem uma coisa certa, definida</p> <p>Eu não me coloco no lugar de cobrar a minha mulher 3</p> <p>É natural compartilhar, dar uma força o quanto puder 2</p> <p>Tem coisas que é o papel da mulher (arrumar o filho, escolher a roupa) 6</p> <p>Tem a ver em como se organiza a vida, o tipo de trabalho que se escolhe 2</p>

TABELA 1
Resultados

Categorias	Associações de teor emocional	Associações de teor cognitivo
Divisão de Tarefas	<p>Sou pai 24 horas 1 e 2</p> <p>Sou pai desde a concepção 1</p> <p>Foi aquele impacto! (saber que ia ser pai) 3</p> <p>Amadureci pra caramba 2</p> <p>Virei trabalho! 2</p> <p>Tem que ter uma paciência <i>tremenda</i>, um amor muito grande 2</p> <p>Porra, eu tô aí! 3</p> <p>Experiência única na vida 3</p> <p>A vinda do filho foi apaixonante 3</p> <p>Esperava muito ser pai 4</p> <p>Tinha uma vontade muito grande de ser pai 6</p> <p>Eu que engravidei 6</p> <p>Aquele menino era meu! 6</p> <p>Na hora que eu segurei ele... ele nasceu! Lindo! 6</p> <p>Maravilhoso 4</p> <p>Não tem coisa melhor 3</p> <p>Gostoso 5</p> <p>Eu acho muito massa ser pai 5</p> <p>Tesão em ver a filha se desenvolvendo, aquele amor que eu tenho ali... 1</p> <p>Paternidade é uma coisa sem fim 1</p> <p>Me encho de lágrimas quando ela tá descobrindo algo, tá feliz 1</p> <p>Eu vou sofrer pra caramba se eu estiver longe da minha filha 1</p>	<p>Você deixa de lado as farras 2</p> <p>Comecei a mudar a vida a partir do momento que eu soube que ia ser pai 3</p> <p>A gente se vê no filho 2</p> <p>O sentimento de ter gerado, fazer um filho, ser responsável por aquela vidinha ali 3</p> <p>O filho é a continuação do nosso sentimento, é o mesmo coração meu 3</p> <p>Sempre gostei de criança 4</p> <p>Eu era muito pai dos meninos autistas 6</p> <p>A vida tem duas mães 6</p> <p>Eu sou aquele pai protetor 5</p> <p>Uma coisa que eu tenho é paciência 5</p> <p>Ter uma pessoa ali para educar, criar, orientar, ensinar as coisas 5</p> <p>Ocupei todo espaço que foi possível participar 4</p> <p>Eu decidi participar do crescimento, da estorinha toda 1</p> <p>Ninguém sabe qual a dor maior, a de perder um filho ou a do filho perder você 1</p> <p>O umbigo vai se distanciar de você 1</p>

Participantes:

Sujeito 1: 34 anos, artesão, casado, filha de 5 anos.

Sujeito 2: 28 anos, arquiteto, casado, filha de 1 ano e 4 meses, enteado de 5 anos.

Sujeito 3: 32 anos, consultor de vendas, casado, filho de 8 anos e duas filhas de 3 e 1 ano e 6 meses.

Sujeito 4: 33 anos, psicólogo, casado, filho de 6 anos e esperando o segundo filho.

Sujeito 5: 21 anos, auxiliar de escritório, casado, filha de 3 anos.

Sujeito 6: 28 anos, psicólogo, casado, filho adotivo de 2 anos e quatro enteados entre 18 e 25 anos.

ANÁLISE DOS DADOS

A seguir, apresentaremos, a título de ilustração, alguns dos pontos significativos surgidos durante a entrevista e que são esclarecedores para o tema em discussão.

- a) Embora os sujeitos afirmassem gostar de ser homem, não há clareza na definição dos motivos ou do que sejam os atributos masculinos. Geralmente, gosta-se de ser homem porque é mais confortável do que ser mulher.
- b) Quando não se gosta de ser homem é devido ao excesso de responsabilidades associadas às expectativas de ser o provedor e o protetor da família.
- c) Prover materialmente e proteger a família ainda são vistos como as principais atribuições de um homem e como algo natural, embora haja também o questionamento desse lugar socialmente atribuído.
- d) Em situações nas quais foi preciso, inverteram a posição com a companheira, no sentido de ficarem em casa cuidando do bebê enquanto esta trabalhava fora.
- e) Apesar de a maioria considerar a divisão das tarefas domésticas como necessária, permanece um estranhamento em relação a assumir estas tarefas no lugar da companheira, porquanto a idéia de homem não comporta a esfera doméstica como a idéia de mulher.
- f) Vivenciam a divisão de tarefas como um exercício diário e, às vezes, cansativo, sobretudo quando os filhos são bebês.
- g) Os filhos parecem representar forte elo conjugal e prioridade diante das necessidades pessoais, garantindo a continuidade do casamento, a despeito das frustrações.
- h) Alguns se colocam como coadjuvantes da mulher, situando-a no centro da cena familiar, sem se sentirem inferiores por isso.
- i) Outros não se sentem plenamente validados, pela companheira, na sua participação, quando esta questiona ou não confia na sua capacidade de cuidar sozinho da criança.
- j) Consideram ser um atributo feminino a preocupação com detalhes enquanto se percebem como mais práticos e mais lúdicos no lidar com as crianças.
- k) Defendem o direito de cuidar dos filhos à sua maneira, sem mimetizar todos os gestos e sentimentos femininos.
- l) A paternidade é algo desejado ou se construiu muito antes da vinda do filho, e tem suas raízes em outras relações de cuidado e de amor.
- m) Descrevem o envolvimento emocional com o bebê se iniciando já na gravidez.
- n) A paternidade vem carregada de sentido de responsabilidade e investimento profissional, como rito de passagem à vida adulta, mas também de sentimentos de apego e temor pelos filhos.
- o) O nascimento do primeiro filho é vivido com particular intensidade emotiva, acompanhada de sentimentos de continuidade e de orgulho.
- p) Há a decisão espontânea de se envolver com todas as etapas de crescimento do filho.
- q) As qualidades consideradas necessárias para a paternidade falam de atributos relacionados ao aspecto nutridor e cuidador, tais como doação, disponibilidade e paciência.
- r) Demonstrem uma disponibilidade de tempo, para os filhos, aparentemente maior do que a do pai tradicional.
- s) Vêm sua forma de ser pai como diferente da de outros pais, mais intensa, mais ativa e companheira.
- t) Alguns procuram ser para os filhos o pai que não tiveram, como num ato reparador, e têm na própria mãe o modelo de responsabilidade diante dos filhos.

DISCUSSÃO

Segundo os depoimentos, os sujeitos demonstram profundo envolvimento emocional com a paternidade, que parece ser o motor da participação mais presente na vida dos filhos, vista como essencialmente prazerosa. Levados pela emotividade, fogem do estereótipo masculino, que pressupõe a contenção das emoções (Mosse, 1996) e o não cuidar dos outros (Badinter, 1993). Além disso, expressam sentimentos de muito apego para com os filhos, culturalmente associados à relação mãe e filho, como se estes fossem parte de si mesmos, subvertendo o que, tradicionalmente, se tem pensado sobre a vivência da paternidade. Corroboramos, neste sentido, os resultados obtidos por Ramires (1997) que também constatou em seus sujeitos sentimentos, fantasias e preocupações comumente associados às mulheres.

Embora a vinda dos filhos tenha ocorrido de forma inesperada para muitos deles, a disposição para o envolvimento paterno encontra raízes em experiências anteriores, em relações de cuidado ou de afinidade com crianças. O relato de tais experiências corrobora o fato de que homens são plenamente capazes de sentimentos relacionados ao cuidar, desde a infância, já que, tais quais as mulheres, passaram pela fase de dependência oral do desenvolvimento humano, como assinala Parseval (1986).

Entretanto, se os sentimentos que são capazes de experimentar são muito semelhantes aos vivenciados pelas mães, há uma especificidade a ser percebida, evidente na forma como descrevem o cotidiano com os filhos, com as tarefas do dia-a-dia: mais lúdico, mais prático e com mais facilidade para frustrar o filho. Os próprios pais tratam de diferenciar sua forma de cuidar ou de se relacionar com a criança, de modo que eles não vivenciam a paternidade numa relação especular com a mãe. Se há ressentimento, não está no fato de fazer o mesmo que uma mãe faz, como sugere Castelain-Meunier (1993), mas no não reconhecimento dessa diferença ou na falta de confiança em sua capacidade de cuidar do filho pequeno.

Finalmente, se a paternidade participativa parece ser fruto de processos de singularização e de autonomização (Guattari e Rolnik, 1996), nas quais os homens se permitem outras sensibilidades, a estrutura familiar permanece pouco alterada na medida em que as mães soam como figuras centrais em torno das quais os filhos gravitam. Na maioria das falas masculinas uma divisão tradicional dos papéis se mantém como norteadora das relações. Ao homem ainda lhe cabe o papel de principal provedor, tanto que a paternidade continua associada à imagem do trabalho, como na perspectiva tradicional. As funções de prover e proteger a família são naturalizadas, sem maiores questionamentos quanto às construções sociais de gênero. Da mesma forma, percebe-se que o envolvimento paterno no cuidado dos filhos não significa uma apropriação da vida doméstica em si, pois permanece uma distinção entre ser pai e ser dono de casa. Se a paternidade participativa significa uma retomada de afetos que fazem parte do repertório humano, a participação na vida doméstica é vivida com um conveniente estranhamento.

CONCLUSÃO

À pergunta de partida – qual o sentido dado à masculinidade e à paternidade pelos pais que cuidam dos filhos? – podemos responder que o sentido dado à paternidade é o da amorosidade, da intensidade emotiva, da sensibilidade e do prazer. Podemos tingir, simultaneamente, paternidade e masculinidade com essas cores. A paternidade é, assim, vivida por homens que amam, se emocionam, se sensibilizam, sofrem e sentem prazer na relação com os filhos. Se admitirmos que homens podem ser ternos e acolhedores, capazes de vínculos profundos com os filhos, então estes serão atributos também masculinos. A associação do homem cuidando do seu bebê à imagem da mãe parece dizer muito mais da falta de imagens masculinas exercendo esse papel, como lembram Colman e Colman (1995), do que propriamente de uma efeminização da paternidade.

O envolvimento em relação de cuidado e de intimidade, que supõe a regressão à fase oral do desenvolvimento humano, corresponde à capacidade de reviver, do ponto de vista da espécie à qual pertencemos, uma das manifestações mais intensas do viver matizado pelo que Maturana chama de “biologia da intimidade” (Maturana e Verden-Zöeller, 1995; 1997). O pai cuidador parece ser, assim, aquele que recupera em si a capacidade de amar, acolher e cuidar, recalçada por um passado patriarcal, que nega ao homem essa dimensão própria do seu desenvolvimento humano e psicobiológico.

Ao mesmo tempo, percebemos que são homens em transição entre antigos modelos identitários, preestabelecidos, e novas demandas e posicionamentos, embora o fio condutor da masculinidade permaneça apoiado em algum diferencial eleito, tal como ser capaz de proteger e prover a família. A distinção entre o exercício da paternidade e a assunção das atividades domésticas surge aqui como forma de preservar a auto-imagem masculina. Mas pode-se ver também o quanto esses homens – e cada um a seu modo – têm se permitido viver processos de “autonomização”, em busca de um estilo de vida que permita maior convivência com os filhos, com mais tempo e participação nos cuidados diários destes.

REFERÊNCIAS

- Badinter, E. (1993). *XY: sobre a identidade masculina*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Barbieri, T. (1991). Sobre la categoria género – una introducción teórica-metodológica. In Azeredo, S., & Stolcke, V. (Coords.). *Direitos Reprodutivos* (pp. 26-34). São Paulo: FCC/DPE.
- Barsted, L. L. (1997). Contribuições do Feminino para o Exercício da Paternidade. In Silveira, P. (Org.) *O Exercício da Paternidade* (pp. 65-73). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Bly, R. (1991). *João de Ferro*. Um livro sobre homens. São Paulo: Campus.
- Boff, L. (1997). O Masculino no Horizonte do Novo Paradigma Civilizacional. In Boechat, W. (Org.). *O Masculino em Questão*. (pp.96-107). Petrópolis: Vozes.
- Boris, G. D. J. B. (2000). *Falas Masculinas ou Ser Homem em Fortaleza*. Múltiplos recortes da construção da subjetividade masculina na contemporaneidade. [Tese de Doutorado], Curso de Doutorado em Sociologia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.
- Carlini-Cotrim, B. (1996). Potencialidades da Técnica Qualitativa do Grupo Focal em Investigação sobre Abuso de Substâncias. *Revista de Saúde Pública*, 30, 3, 285-293.
- Carvalho, L. A. (1990). *Reflexões sobre o Pai*: um estudo sobre a construção da paternidade na história de vida e no desenvolvimento do sujeito. [Dissertação de Mestrado], Instituto de Psicologia, USP, São Paulo.
- Caruso, I. A. (1986). *Paternidade: uma forma de existir*. [Tese de Doutorado], Instituto de Psicologia, PUC, São Paulo.
- Castelain-Meunier, C. (1993). *Fiquem Ligados, Papais!* Os homens diante da mulher e dos filhos. São Paulo: Summus.
- Castro, M. M. A. O. (1999). *Pesquisa Qualitativa: a técnica da discussão em grupo*.
- V Encontro de Iniciação à Pesquisa. Fortaleza: Unifor/ set.

- Colman, A., & Colman, L. (1995). *O Pai: arquétipos da paternidade*. São Paulo: Cultrix.
- Comel, N. E. D. (1998). *Paternidade Responsável*. O papel do pai na sociedade brasileira e na educação familiar. Curitiba: Juruá.
- Corneau, G. (1993). *Pais Ausentes, Filhos Carentes*. O que aconteceu com os homens? São Paulo: Brasiliense.
- Cuschnir, L., & Mardegan Jr., E. (2001). *Homens e suas Máscaras*. Rio de Janeiro: Campus.
- Donzelli, T. (1997). A Crise da Masculinidade e a Crise da Modernidade. In Boechat, W. (Org.). *O Masculino em Questão* (pp. 118-122). Petrópolis: Vozes.
- Flaquer, L. (1999). *La Estrella Menguante del Padre*. Barcelona: Ariel.
- Guatarri, F., & Rolnik, S. (1996). *Micropolítica – Cartografias do Desejo*. Petrópolis: Vozes.
- Goffman, I. (1974). *Manicômios, Prisões e Conventos*. São Paulo: Perspectiva.
- Gomes, R. (1998). As Questões de Gênero e o Exercício da Paternidade. In Silveira, P. *Exercício da Paternidade* (pp. 175-182). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Hite, S. (1995). *Relatório Hite sobre a Família*: crescendo sob o domínio do patriarcado. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Hurstel, F., & Parseval, G. D. (2000a). Le Pardessus du Soupçon. In Delumeau, J., & Roche, D. (Org.). *Histoire des Pères et de la Paternité* (pp. 47-50). Paris: Larousse.
- Hurstel, F., & Parseval, G. D. (2000b). Mon Fills, ma Bataille. In Delumeau, J., & Roche, D. (Org.). *Histoire des Pères et de la Paternité* (pp. 399-423). Paris: Larousse.
- Jablonski, B. (1997). Paternidade Hoje: uma metanálise. In Silveira, P. *Exercício da Paternidade* (pp. 121-129). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Klein, A. M. (1993). *Little Big Man*: bodybuilding subculture and gender construction. New York: State University of New York.
- Kindlon, D., & Thompson, M. (2000). *Raising Cain*: protecting the emotional life of boys. London: Penguin Books.
- Luz, T. M. (1982). O Lar e a Maternidade: instituições políticas. In *O Lugar da Mulher*. Rio de Janeiro: Graal.
- Maciel, A. A. (1994). *Ser/Estar Pai*: uma figura de identidade. [Dissertação de Mestrado], Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo.
- Maturana, H. R., & Verden-Zöeller, G. (1995). *The Origin of Humanness in the Biology of Intimacy*. Apostila, [s.l.].
- Maturana, H. R., & Verden-Zöeller, G. (1997) *Amor y Juego*. Fundamentos olvidados de lo humano. Santiago: Instituto de Terapia Cognitiva.
- Medrado, B. (1998). Homens na Arena do Cuidado Infantil: Imagens veiculadas pela mídia. In Arilha, M.; Ridenti, S. G. U., & Medrado, B. (Org.). *Homens e Masculinidades*. Outras palavras (pp.145-161). São Paulo: Editora 34.
- Ménard, M. (2000). Le Miroir Brisé. In: J. Delumeau, & D. Roche (Org.). *Histoire des Pères et de la Paternité* (pp. 359-380). Paris: Larousse.
- Millet, K. (1970). *Sexual Politics*. New York: Doubleday Company.
- Mosse, G. L. (1996). *The Image of Man*. The creation of modern masculinity. New York: Oxford University Press.
- Muzio, P. A. (1997). Paternidade (Ser Pai)... Para que serve? In Silveira, P. *Exercício da Paternidade* (pp.165-174). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Nolasco, S. A. (1995). A Desconstrução do Masculino: uma contribuição crítica à análise de gênero. In Nolasco, S. A. (Org.). *A Desconstrução do Masculino* (pp. 15-29). Rio de Janeiro: Rocco.
- Nolasco, S. A. (2001). *De Tarzan a Homer Simpson*. Banalização e violência masculina em sociedades contemporâneas ocidentais. Rio de Janeiro: Rocco.
- Osherson, S. (1998). *Al Encuentro del Padre*. Como la vida de um hombre es moldeada por la relación con su padre. Santiago: Cuatro Vientos.
- Palma, I., & Quilodrán, C. (1997). Opções Masculinas: Jovens diante da gravidez. In Costa, A. de O. (Org.). *Direitos Tardios*. Saúde, Sexualidade e Reprodução na América Latina (pp.141-174). São Paulo: Editora 34.
- Parseval, G. D. (1986). *A Parte do Pai*. Porto Alegre: L&PM.
- Pleck, J. H. (1989). American Fathering in Historical Perspective. In: Kimmel, M.S. (Ed.). *Changing Men*. New directions on men and masculinity (pp. 83-97). Newbury Park: Sage.
- Puleo, A. (1995). Patriarcado. In Amorós, C. *10 Palavras Clave sobre Mujer*. Madrid: Eud.
- Ramires, V. R. (1997). *O Exercício da Paternidade Hoje*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos.
- Rey, F. (1999). *La Investigación Cualitativa en Psicología*: rumbos y desafíos. São Paulo: EDUC.
- Roso, A. (1997, jul./dez). Grupos Focais em Psicologia Social: da teoria à prática. *Psico*, 28, 2, 155-169.
- Schneider, J. F., Trindade, E., Mello, A. M., & Barreto, M. L. (1997, jul). A Paternidade na Perspectiva de um Grupo de Pais. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, 18, 2, 113-122.
- Segalen, M. (1999). *Sociologia da Família*. Lisboa: Terramar.
- Singly, F. (1996). *Le Soi, Le Couple et la Famille*. Paris: Nathan.
- Sloan, T., & Jirón, R. R. *La Desconstrucción de la Masculinidad*. Disponível em: <<http://artnet.com.br/~marko/>>. Acessado em: nov. 2000.
- Spink, M. J. P., & Frezza, R. M. (1999). Práticas Discursivas e Produções de Sentidos: perspectiva da Psicologia Social. In: Spink, M. J. P. (Org.). *Práticas Discursivas e Produções de Sentido no Cotidiano*. Aproximações teóricas e metodológicas (pp. 17-39). São Paulo: Cortez.
- Spink, M. J. P., & Medrado, B. (1999). Produção de Sentidos no Cotidiano: uma abordagem teórico-metodológica para análise das práticas discursivas. In Spink, M. J. P. (Org.). *Práticas Discursivas e Produções de Sentido no Cotidiano*. Aproximações teóricas e metodológicas. (pp. 41-61). São Paulo: Cortez.
- Spink, M. J. P., & Menegon, V. M. (1999). A Pesquisa como Prática Discursiva: superando os horrores metodológicos. In Spink, M. J. P. (Org.). *Práticas Discursivas e Produções de Sentido no Cotidiano*. Aproximações teóricas e metodológicas. (pp. 63- 92). São Paulo: Cortez.
- Trindade, Z. D., Andrade, C. A., & Souza, J. Q. (1997, jan./jun.). Papéis Parentais e Representações da Paternidade: a perspectiva do pai. *Revista do Instituto de Psicologia da PUC*, Porto Alegre, 28, 1, (pp. 207-222).
- Villa, A. M. (1997). Significados da Reprodução na Construção da Identidade Masculina em Setores Populares Urbanos. In Costa, A. de O. (Org.). *Direitos Tardios*. Saúde, Sexualidade e Reprodução na América Latina. (pp. 115-140). São Paulo: Editora 34.

Recebido em: jun./2007. Aceito em: dez./2007.

Autoras:

Christina Sutter – Mestra em Psicologia pela UNIFOR. Professora titular do curso de Psicologia da UNIFOR.

Júlia S. N. F. Bucher-Maluschke – Doutora em Ciências Familiares e Sociológicas pela UCL. Professora titular do Mestrado em Psicologia da UNIFOR. E-mail: agathon@fortalnet.com.br

Endereço para correspondência:

CHRISTINA SUTTER
Av. Washington Soares, 1321
CCH – Curso de Psicologia
E-mail: tinasut@gmail.com